

**PETER SCHEIER (1908-1979): UM FOTÓGRAFO ALEMÃO NO BRASIL**

*Paulo Valadares \**

**Resumo:** Biografia e genealogia do fotógrafo Peter Scheier. Nascido na Alemanha onde estudou para trabalhar no comércio. Perseguido por ser de origem judaica refugiou-se no Brasil. Acidentalmente tornou-se fotógrafo. Reconhecido pelo apuro formal. Produziu milhares de imagens que em parte estão na Fundação Moreira Salles.

**Palavras-Chave:** fotografia, Peter Scheier e Holocausto

**Abstract:** Biography and genealogy of the photographer Peter Scheier. Born in Germany where he was trained to work in the trade. Persecuted for being of Jewish origin fled to Brazil. Accidentally became a photographer. Recognized for formal precision. Produced thousands of images that are part of the Fundação Moreira Salles.

**Keywords:** photography, Peter Scheier and Shoah.

A fotografia tem uma longa tradição no Brasil. Vários estudiosos da fotografia, tendo a frente Boris Kossoy, professor da Universidade de S. Paulo (USP), defendem que ela foi inventada no país pelo pintor francês Hercules Florence (1804-1879), residente em Campinas, no mesmo momento em que europeus também faziam suas experiências na reprodução de imagens. O Imperador do Brasil, D. Pedro II (1825-1891), foi um notável amador da fotografia e deixou uma importante coleção de imagens. As suas viagens, inclusive ao Oriente Médio, foram documentadas fotograficamente. Apesar desta familiaridade com a arte fotográfica o país sempre recebeu fotógrafos estrangeiros que ao incorporar-

---

\* **Autor:** Paulo Valadares, Mestre em História Social (USP) e autor de alguns trabalhos já publicados: **Dicionário Sefaradi de Sobrenomes**, com G. Faiguenboim e A. R. Campagnano (S. Paulo: Fraiha: 2003 e 2004); **B. J. Duarte - Caçador de Imagens**, com R. Fernandes Jr. e M. R. A. de Lima (S. Paulo: CosacNaif, 2007); **Os Primeiros Judeus de S. Paulo - Uma breve história contada através do Cemitério Israelita de Vila Mariana**, com G. Faiguenboim e Niels Andreas (S. Paulo:

Fraiha, 2009) e **A Presença Oculta -Genealogia, identidade e cultura cristã-nova brasileira nos séculos XIX e XX** (Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2007).

se ao universo fotográfico do país, contribuíram para a riqueza da expressão fotográfica brasileira.

O fotógrafo brasileiro<sup>1</sup>, nascido na Alemanha, Peter Scheier (1908-1979) é um deles. Nascido sob o signo das transformações ele atravessou duas grandes mudanças sociais. Primeiro enfrentou como judeu o maior e mais trágico acontecimento do século XX, o *Shoah* (Holocausto), que quase dizimou o seu povo. Depois, no Brasil, viu a transformação de um Brasil rural e lusitano, em industrial e imigrante, simbolizado na construção de Brasília. Ele mesmo passou por estas transformações, de promissor comerciante tornou-se um fotógrafo consagrado, vendo e registrando estas mudanças, o que lhe dá a condição de testemunha consciente do século XX.

## OS STRAKOSCH DA FÁBRICA DE AÇÚCAR

Os judeus chegaram a Morávia, que já foi província austríaca e parte do reino da Bohemia, no século IX. Esta presença não é contínua, pois, tiveram expulsões e retornos, foram promulgadas leis restritivas, tempos melhores e finalmente o *Shoah*, quando então a sua população judaica quase foi dizimada totalmente. Até o século XIX eles foram predominantemente artesãos e vendedores ambulantes que monopolizaram o comércio ambulante de café, tabaco e açúcar. O capital acumulado nestas atividades permitiu a alguns lançar-se em trabalhos maiores, quando da Revolução Industrial. Uma das indústrias preferidas por estes investidores foi a produção de açúcar, extraído da beterraba, próximas a grandes áreas agricultáveis. Destacam-se entre estes *zuckerindustrielle* judeus na Europa Central, Rudolf Auspitz (1837-1906) fundador na Morávia da *Die Rohatetz-Bisenzer Zucker Fabriken Rudolf Auspitz und Co* em 1866; o Ignác Deutsch (1803-1873), criador de três fábricas na Hungria, e a família Strakosch que controlou uma *Zuckerfabriken*, seguindo o mesmo itinerário biográfico.

Não se sabe ainda quem foi o primeiro Strakosch, nome usado por este clã surgido na Morávia. É possível que o sobrenome seja de origem toponímica e indique alguém oriundo de Strachonovice (Morávia). O primeiro deles a frequentar a *Encyclopaedia Judaica* (ENCYCLOPAEDIA: 15: 1041), ainda que de

---

<sup>1</sup> Naturalizado em 9 de março de 1951 por ato do presidente Getúlio Vargas, confirmado frente ao juiz Mauro B. Muniz Barretto, de S. Paulo, em 5 de junho de 1951. Processo nº 47.628-50. Agradeço a Betina Lenci e Anne Greiber pelo acesso aos documentos pessoais de Peter Scheier.

forma incidental, foi Salomon Strakosch (1795-1867)<sup>2</sup>, grande comerciante e industrial no ramo dos tecidos. Seis de seus filhos, fundaram em 1867 a fábrica de açúcar chamada *Strakosch Zuckerfabriken Ges.m.b.H.* em Hohenau, na fronteira da Áustria com a Moravia, no lado austríaco<sup>3</sup>.

A fábrica de açúcar utilizava beterrabas vindas das extensas propriedades rurais do Príncipe de Lichtenstein naquela região. Ela prosperou e os seus proprietários enriqueceram, que reverteu-se internamente numa educação esmerada dos seus descendentes. Já na segunda geração de industriais surgiu a maior figura do clã, Siegfried Strakosch (Brünn, 1867- Abbazia, 1933), que sucedeu ao pai, Isidor Strakosch (1825-1902) na direção da empresa. Ele procurou expandir os negócios familiares entrando na agricultura, tornando-se um dos maiores latifundiários da Áustria, e também foi grande teórico econômico. Mercê destes talentos, Francisco José I (1830-1916) o enobreceu em 1913 na condição de *Edle von Feldringen* (Senhor de Feldringen)<sup>4</sup>. Ele adotou um brasão, onde se nota o orgulho de sua origem industrial: uma roda dentada e a deusa grega Pallas Atenas (deusa do ofício, do fazer), reforçado pelo *motto* ou divisa familiar: “*Im Willen die Kraft*” (Na vontade a força para realizá-lo)<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> Ele é o mais velho dentre os Strakosch sepultados entre 1856 a 1941 no Cemitério Israelita de Brünn [localização: 1 A,2,7]. Salomon, filho de Lobl, casou-se por duas vezes, com a prima Johanna Strakosch e depois com Rosa Wolf. Do primeiro casamento tiveram: Jonas, Eva, Moritz, Isidor, Bernhard, Sigmund, Eduard, Therese e Pauline; do segundo casamento, Sophie, Julius, Leopold, Max, Henriette, Jakob, Nathan, Simon e Dominik. Agradeço estas informações genealógicas ao Sr. Jaroslav Klenovsky, de Brno.

<sup>3</sup> Não tenho elementos para afirmar, mas suponho que os irmãos Maurice (Moritz, 1825-1887) e Max (1835-1892), que dedicaram-se a música erudita eram parentes muito próximos de Salomon Strakosch. Max foi empresário do pianista americano Louis Moreau Gottschalk (1829-1869), autor de uma versão do *Hino Nacional Brasileiro* e que morreu no Rio de Janeiro. Maurice foi casado com a cantora Amália Patti (1838-1915), de uma família de cantores, e o sobrinho Carl Strakosch (?-1917) com a soprano Clara Louise Kellogg (1842-1916), uma *prima donna* americana.

<sup>4</sup> O *Edle* equivale a Senhor. É o primeiro título nobiliárquico da *österreichischer Adel* (nobreza austríaca), numa escala de: *Edle*, *Ritter* (Cavaleiro), *Freiherr* (Barão), *Graf* (Conde), *Fürst* (Príncipe) e *Herzog* (Duque). O tratamento formal para um *Edle* era “*Gnädiger Herr*” (Benevolente Cavaleiro).

<sup>5</sup> A descrição de seu brasão: “*Über silbernem Schilddesfus, darin ein schwarzes Kammrad, in Rot fächerförmig wachsend drei goldene Kornähren. Auf dem Helm mit rot-silbernem Decken die Gestalt der Palles Athene auf einem Sockel.*”

A família tornou-se importante para a cidade, tanto que um deles, o Dr. Julius Strakosch foi Prefeito (*Bürgermeister*) de Hohenau. Mas a cidade era pequena para tantos Strakosch. Muitos se mudaram para outros lugares, conforme as suas conveniências pessoais, mas sem cortar relações com a fábrica de Hohenau ou também com a cidade de Brünn (ou Brno). Apesar do sucesso empresarial, o ramo que controlou a fábrica de açúcar procurou outras alternativas para a expansão e sobrevivência lucrativa dos seus negócios. Em 1907, um representante da família, Felix Strakosch, foi enviado ao Egito, ascendente produtor de açúcar na época, para estudar a ampliação das suas atividades fabris. Anos depois, seguiu também Stefan Strakosch (1885-1934), como engenheiro de pontes, para o mesmo local. Outro membro do clã, Heinrich Edouard Strakosch (1871-1943), foi estudar em Londres, dali ele seguiu para a África do Sul, onde encontrou um jovem com ambições políticas chamado “sir” Winston Churchill (1874-1965), tornou-se seu amigo e patrocinou a sua carreira política na metrópole. Heinrich renomeado e nobilitado “sir” Henry, foi banqueiro, parlamentar e *chairman* da revista *The Economist* de Londres.

Em 28 de dezembro de 1905, na cidade de Brünn (ou Brno), frente ao Rabino Dr. Ludwig Levy, casou-se uma Strakosch, Hedwig, com Julius Scheier.

Os nubentes foram identificados assim na certidão.

“(…) *der Kaufmann Julius Scheier wohnhaft in Glogau, Wilhelmsplatz ¾, jüdischer Religion, urd zeigte an, dass von der Hedwig Scheier geborene Strakosch, seiner Ehefrau jüdischer Religion (...)*”<sup>6</sup>.

A família de Julius Scheier pertencia a uma das muitas famílias Scheier (sobrenome vindo do antigo alemão, “*schieur*”, celeiro) espalhadas entre Frankfurt am Main, onde o nome surgira entre os judeus no início do século XIX e que depois ramificara-se por Bonn, Bretzenheim, Hamburgo, Jastrow e em Glogau (LENK: 654). Ela foi proprietária de uma loja de departamentos em Glogau, hoje uma cidade polonesa e que na época tinha 863 judeus numa população de 20529 habitantes.

Conta-se que David Scheier, pai de Julius, em nome de sua loja, deu os bancos de cimento da praça principal de Glogau, que por uma ironia do destino,

---

*Wahlsprunch: “Im Willen die Kraft”*. Em: *Wiener Genealogisches Taschenbuch* 1927/8.

<sup>6</sup> *Trauungs-Zeugnis*, de Julius Scheier e Hedwig Strakosch, 28/12/1905. Em: Leo Baeck Institute – Center Jewish History. *Schild-Scheier Family*, Leipzig Collection, AR 6263. Agradeço ao Sr. Michael Simonson o apoio nestas pesquisas.

o seu filho não pode sentar-se quando do Regime Nazista, por ser judeu, ele que lutara como Oficial do Exército Alemão na I Guerra Mundial onde fora condecorado por bravura.

Em 8 de março de 1907 nasceu ali em Glogau, Susanne Gertrud Scheier, a filha mais velha do casal, que se casaria em 1925 com Werner Schild (Leipzig, 1901 – NYC, 1976) e viveria nos EUA, trabalhando como garçom no luxuoso Waldorf Astoria; e em 6 de junho de 1908, na mesma cidade, nasceu Peter Kurt Scheier, o nosso biografado. Há também um terceiro filho, no caso filha, Stefanie Kantor (1910-1941), falecida no Rio de Janeiro.

*GENEALOGIA DE PETER SCHEIER*

1. PETER KURT SCHEIER (Glogau, 6 de junho de 1908 – Ainring, 8 de novembro de 1979), fotógrafo.

**PAIS**

2. JULIUS SCHEIER (Glogau, 4 de agosto de 1874 – NYC, 1949), comerciante.

3. HEDWIG STRAKOSCH (Viena, 23 de julho de 1886 – NYC, 1951)

**AVÓS**

4. DAVID SCHEIER (1835 - 1911), comerciante.

Peter Scheier estudou Comércio numa escola específica. Em 16 de maio de 1933 quando tirou o passaporte, é um jovem sorridente, que se identificou como “mercador” (*kaufmann*). Por indicação familiar trabalhou como contador entre 1933 e 1937 na fábrica de açúcar pertencente aos parentes maternos em Hohenau, conforme documento emitido pelo representante da fábrica:

*“(...) anfangs in der Zeit vom 17. Oktober 1933 bis zum 31. Jänner 1935 in unserer Fabriksadministration in Hohenau, sodann vom 1. Feber 1935 bis zum 31. August 1935 in unserem Wiener Büro und zuletzt vom 1. September 1935 bis zum 30. Juni 1937 neuerlich in Hohenau in*

*kaufmännischer Verwendung gestanden ist (...)*  
(STRAKOSCH: 1937).

O seu trabalho era, segundo o mesmo documento:

*“(...) Herr Scheier hatwährend seiner nahezu vierjährigen Tätigkeit in unserem Hause unseren kaufmännischen Geschäftsbetrieb in allen seinen Zweigen kennengelernt und isch während der Zuckerrübenverarbeitung auch in unseren technischen Betriebe betätigt und dabei eine gute Kenntnis der neuzeitlichen Rübenzuckerereugung und Raffination erworben (...)*” (STRAKOSCH: 1937).

A vitória do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (NSDAP), partido político que tinha uma plataforma revanchista em relação a derrota alemã na I Guerra Mundial, trouxe prejuízos para as minorias étnicas que viviam na Alemanha, essencialmente os judeus. A ideologia dos Nazistas defendia que os judeus contribuíram de diversas formas para o enfraquecimento do país, e baseados nesta premissa passaram a persegui-los. Primeiro hostilizaram-nos através de intensa propaganda anti-semita, depois excluíram dos cargos públicos, promoveram boicotes ao comércio feito por empresários judeus e finalmente partiu-se para a chamada “Solução final”, quando utilizando métodos científicos, passou-se ao extermínio físico deste grupo etnosocial.

Muitos judeus perceberam o potencial maligno do Nazismo nos anos 37/8 e começaram a retirar os seus bens e buscaram outros países para recomeçarem as suas vidas. Não havia muitas opções para a escolha. Na Europa, só havia o Reino Unido e com restrições, Portugal e Espanha, enquanto o restante ficava indefeso ante a força nazista. Sobravam alguns países americanos, porém a legislação nestes países sobre a circulação de pessoas era difícil, somente admitiam gentes escolhidas a conta-gotas.

Sair do mundo germânico dependia da liberação nazista, algo em que se envolviam variáveis que ia desde a nacionalidade do pretendente a emigração e mesmo a sorte ou acaso. Vencida esta primeira barreira, era buscar um país disposto a fornecer um visto de entrada – o Brasil, sem a tradição de receber refugiados de guerra, também seguia uma legislação restritiva aos imigrantes, notada-

mente aos judeus<sup>7</sup>.

O Nazismo encontrou os Strakosch vivendo em sua maioria no espaço germânico, entre Viena e Brünn (ou Brno). O Yad Vashem, museu israelense que reúne a documentação sobre o *Shoah*, mesmo com as dificuldades de fontes, registrou 38 vítimas fatais deste clã, assassinados pelos Nazistas nos campos de extermínio de Auschwitz, Maidanek, Treblinka, Terezienstadt e até no remoto campo de Maly Trostinec, uma tragédia que atingiu todas as faixas de idade: o mais jovem (Jiri Strakosch) tinha dez anos e a mais velha (Rebekka Strakosch), 87 anos<sup>8</sup>.

## HERÓIS CIVILIZADORES

Peter Scheier teve sorte. A legislação que regularia o visto ou a proibição de sua entrada no Brasil foi o Decreto nº 24.258, promulgado em 16 de maio de 1934 por Getúlio Vargas. Este decreto dividia estas pessoas em três grupos: 1) Imigrantes Agricultores, 2) Imigrantes Não-agricultores e 3) Não Imigrantes. Vedava a entrada de deficientes físicos, menores de 18 anos, maiores de 60 anos e os de “*conduta manifestadamente nociva à ordem pública ou à segurança nacional*”. Reconhecia as “cartas de chamada” e estabelecia o sistema de cotas.

O alemão Peter Kurt Scheier apresentou-se munido de cartas de apresentação, certificados de cursos técnicos e mecânicos (talvez forjados) e uma “carta de chamada” onde através da influência do primo Dr. Oskar Strakosch (1869-1975), último proprietário da fábrica de açúcar<sup>9</sup>, ele era contratado pelo Frigorífico Armour do Brasil como salsicheiro. A carta de chamada ou contrato de trabalho não era garantia de um emprego, mas apenas uma forma de iludir a burocracia diplomática brasileira, que fazia o primeiro filtro para manter as classes sociais sem movimentação na pirâmide. Assim eliminava-se já na entrada o imigrante indesejável – no caso o imigrante urbano, pois aqui sempre procurou-

---

<sup>7</sup> Sobre este tema, leia-se: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)* [S. Paulo: Brasiliense, 1988]; MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano. A tentativa de salvação de católicos não-arianos – Da Alemanha ao Brasil através do Vaticano (1937-1942)* [Rio de Janeiro: Imago, 1994] e KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas. O Embaixador Souza Dantas e os refugiados do Nazismo* [Rio de Janeiro: Record, 2002]

<sup>8</sup> Para uma pesquisa de nomes:  
[http://www.yadvashem.org/wps/portal/IY\\_HON\\_Welcome](http://www.yadvashem.org/wps/portal/IY_HON_Welcome)

<sup>9</sup> Hoje a fábrica de açúcar pertence ao Grupo Agrana ([www.agrana.com](http://www.agrana.com)), que possui outras fábricas na Europa e uma no Brasil.

se “*braços para a lavoura*”, já que a elite nativa combateu o imigrante escolarizado como pernicioso para os interesses nacionais (entenda-se o interesse desta minoria, pois esta estratégia servia como uma reserva de mercado para os cargos na administração pública, monopolizada por eles).

Pela influência da carta ou não, Peter Scheier recebeu o visto nº 188 para o Brasil em 18 de setembro de 1937, como “capitalista” (alínea “h” do artigo 8), quando já completara três meses a Circular Secreta nº 1127, de 7 de junho de 1937, que permitia as autoridades consulares brasileiras selecionar os imigrantes para o país, proibindo a entrada dos “semitas” (sic) conforme a orientação do MRE. Não se sabe o que aconteceu entre ele e o cônsul brasileiro Dr. Mário Moreira da Silva, de quarenta e quatro anos, advogado, mas ele teve sorte nesta demanda, porque além deste documento restritivo, o diplomata que lhe atendeu era contrário a imigração judaica como se manifestou posteriormente em documento interno:

*“(...) depois de ter convivido com semitas quatro anos ininterruptos, em Viena e em Budapeste, posso dar meu testemunho pessoal de quão será nocivo ao Brasil a introdução em suas terras de grandes correntes de indivíduos dessa espécie, os quais em tempo relativamente curto, terão passado para os seus bolsos, por processos mais ou menos torpes, - pois a moral semita tudo permite -, as economias dos brasileiros, dada principalmente a nossa conhecida amabilidade e boa fé no trato de estrangeiros (...)” (MILGRAM: 392)*

Gestos contraditórios que se repetiam no próprio lar do Cônsul, conforme depoimento do filho, o futuro diplomata e banqueiro Marcílio Marques Moreira:

*“(...) E a angustia, em 1939, quando preso ao leito por meses a fio, foi-me negado o conforto da visita do médico da família – já proibido de clinicar por ser judeu (...)” (SCHORSKE: Orelha do livro).*

No dia 25 de outubro de 1937, Peter Scheier desembarcou no Rio de Janeiro. Já completara vinte e nove anos e tinha na descrição do passaporte: “*cútis branca, cabelo castanho, olhos azuis, altura 1m89*”. Dois anos depois, chegaram a S. Paulo, os seus pais, Julius e Hedwig Scheier que não se adaptaram ao país e seguiram para os EUA onde vivia a filha Susanne Schild.

A entrada na fotografia foi por um acaso. Peter Scheier vendia cobertura de abajures e andava com as amostras para mostrá-los aos possíveis clientes.



Cansado de carregar as peças, fotografou-as e montou um catálogo com elas. Logo descobriu que fotografar era mais lucrativo que revender estas luminárias, e que o mercado profissional tinha espaço para a entrada de fotógrafo, principalmente com um passado europeu.

Os Strakosch se interessavam por fotografia há bastante tempo, um deles, Julius Strakosch foi fotógrafo amador importante e tem uma fotografia chamada *Im Winter* (1894), exposta no *Wiener Photographische Blätter: Herausgegeben Vom Camera Club*, Viena. Estas relações dos Strakosch com a fotografia foram exploradas em parte pela historiadora austríaca Marie-Theres Arnbom no livro *Friedmann, Gutmann, Lieben, Mandl, Strakosch. Fünf Familienporträts aus Wien Von 1938*, onde se mostrou cinco famílias abastadas como personagens de um mundo elegante e por inferência o seu envolvimento com a fotografia.

A perseguição nazista empurrou um grupo de judeus alemães para o Brasil: Hans Günter Flieg (1923), Alice Brill (1920), Curt Schulze (1917-1985), Heinrich (“Hejo”) Joseph (1912-1981) e Fredi Kleemann (1927-1974), que se dedicaram a fotografia nos anos seguintes. Era uma profissão adequada para um estrangeiro, que sem o domínio integral da linguagem oral, podia exercê-la, tendo que possuir apenas máquina fotográfica e o conhecimento do processo da revelação química, sem precisar recorrer a patrão, tanto seja pessoa física, quanto jurídica, com as suas exigências de documentação e comprovação de formação.

Eles trazem em si os valores judaicos familiares e a cultura alemã em que foram educados, algo como o conhecimento das novidades tecnológicas, literárias e artísticas europeias – eles vinham da terra de Marx, Einstein e Freud (três judeus alemães), ao mesmo tempo em que encontravam um país descontente com o seu passado e presente católico-rural, ansiosos para as mudanças na sociedade, a espera de seus heróis civilizadores no conceito weberiano.

A experiência fotográfica vivida por Peter Scheier levou-o ao jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1939, para fazer rotogravuras, onde ele adquiriu experiência jornalística e contatos no mundo da imprensa. Em seguida a isto foi para os *Diários Associados* compor a equipe fotográfica da revista *O Cruzeiro*, de Assis Chateaubriand (1892-1968), o maior sucesso editorial daqueles tempos. Cujo grupo era formado em sua maioria por europeus e eram comandados pelo francês Jean Manzon (1915-1990).

No *O Cruzeiro* ele formou dupla com os repórteres Nelson Motta e Arlindo Silva, que anos depois seria o primeiro jornalista a entrar no quarto do suicida Getúlio Vargas (1882-1954), presidente da República. Luiz Maklouf Carvalho, biógrafo do jornalista David Nasser (1917-1980), enumerou algumas reportagens que marcaram as duas duplas (CARVALHO: 143-4 e 190). Com

Motta ele destacou quatro delas: “*O enterro do grande morto*” (sobre o sepultamento de Armando de Salles Oliveira, 1887-1945), “*Quando crença se faz carne*” (romarias católicas), “*Tocaia no Butantã*” (onde uma cobra engole um sapo) e “*O baile do boi morto*”, publicadas entre junho de 1945 e julho de 1946. Com o tietense Arlindo Silva, “*Do outro lado do mundo*”, sobre os loucos do Juqueri.

O fotojornalismo não era uma garantia de dinheiro suficiente para a sobrevivência com luxo, porém ele criava uma reputação que poderia ser aproveitada em outras vertentes profissionais. Foi o que lhe permitiu a montar com sucesso um estúdio na sua casa – o *Foto Peter Scheier*, para fotografar eventos sociais e industriais, projetos editoriais, suprimindo a procura da imagem como mercadoria.

O reconhecimento de sua qualidade artística vinha dos especialistas. O museólogo Orlandino Seitas Fernandes, Diretor do Museu da Inconfidência de Ouro Preto, um dos grandes especialistas no barroco mineiro escreveu ao próprio Peter Scheier avaliando o seu trabalho:

*“(...) a vista “clássica”, tirada de S. Francisco de Paula, como é Scheier! Todo mundo fotografa aquilo de uma maneira só: o Senhor, não, fez uma fotografia nova, diferente, sua! É perturbador o interesse humano criado nas fotos do anjo negro, das crianças brincando de roda em frente do calvário, do seu Joel arrumando o Crucificado (seu Joel com uma cara de tanto sofrimento, e o Cristo com ar de tanta paz e socêgo anterior!). Magnífica a qualidade técnica das fotos de obras do Aleijadinho, e impressionante a sensibilidade com que o Senhor viu os telhados ouropretanos.*

*Sabe de uma cousa? Aquela foto com um velho em primeiro plano (aquêle é o Antônio Caboclo), com suas barbas brancas, e mais quatro cabeças em torno, tem a grandeza dos Burgueses de Calais, de Rodin: cada personagem com sua própria problemática individual e o drama de uma cidade a transpirar em seus gestos e olhares (...)”*  
(FERNANDES: 1961).

Peter Scheier publicou três livros temáticos de fotografia: *S. Paulo: fastest growing city in the world* (1954), *Paraná, Brasil* (1953), *Brasília vive!* (1960) e *Imagens do passado de Minas Gerais/Glimpses of the past in MG* (1968).

Fotografou Israel em 1959.

Uma de suas melhores séries fotográficas foi sobre Brasília, capital que foi construída pelo Presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976), quase um conterrâneo de Peter Scheier, pois ele era oriundo de uma família checa de Trebon (ou Wittingau), cidade muito próxima da fronteira austríaca, e, portanto de Hohenau e Brünn (ou Brno), mas que viera para o Brasil em 1823.

Entre as outras atividades, Peter Scheier foi fotógrafo oficial do MASP, da TV Record (1958-62), quando então fotografou os grandes artistas que visitaram o Brasil naquele período, e pertenceu aos quadros da Agência Pix, mas só teve a sua primeira exposição, em 1970, “30 anos de Visão e Multivisão”. Produzir imagens para tantas fontes diferentes fez com que ele reunisse um imenso acervo, estimado em mais de trinta mil fotografias, sobre múltiplos assuntos, mas unificadas pela qualidade e apuro formal de seu autor.

#### FOTO DE FAMÍLIA

Peter Scheier casou-se duas vezes.

O primeiro casamento foi com Clementine Irmgard Maria Wilhelmine John (? – 1994), católica. O casal viveu dois anos em Viena e tiveram um filho, Stefan Erich Scheier em 1934, porém foi obrigado a separar-se quando do endurecimento das leis nazistas.

A *Gesetz zum Schutze des deutschen Blutes und der deutschen Ehre* (Lei da Proteção do Sangue e da Honra Alemã), promulgada em Nuremberg, a 15 de setembro de 1935, criminalizava as relações inter-raciais e punia os infratores:

*A seção nº 1 “Eheschließungen zwischen Juden und Staatsangehörigen deutschen oder artverwandten Blutes sind verboten. Trotzdem geschlossene Ehen sind nichtig, auch wenn sie zur Umgehung dieses Gesetzes im Ausland geschlossen sind”.*

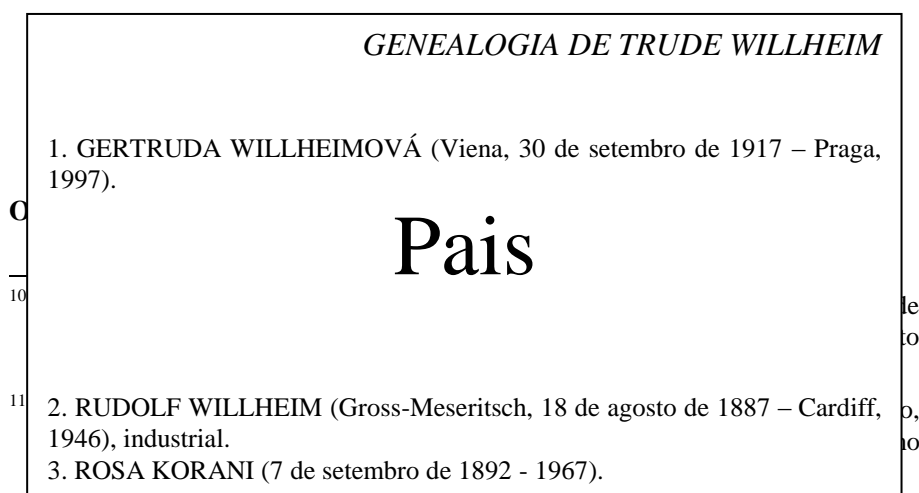
Irmgard John casou-se novamente em 1940 com Reinhold Amthor, com geração deste novo casamento.

Já no Brasil, em 24 de julho de 1939, Peter Scheier casou-se em S. Pau-

lo<sup>10</sup> com Gertruda Willheimová (Viena, 1917 – Praga, \*cremada em 8 de abril de 1997), filha de Rudolf Willheim<sup>11</sup> e Rosa Korani que conheceu num baile em Viena.

A família Willheim era abastada e circulava na *intelligentzia* vienense. Grete Weiss, irmã de Rudolf, foi uma das musas do pintor Oskar Kokoschka (1886-1980). Rudolf Willheim dirigia uma fábrica de papelão chamada FALPA em Viena, que pertencia a família da sua esposa. Com os nazistas no poder, ele mandou uma filha para Cardiff no Reino Unido, levando fração da fortuna familiar, o que lhe permitiu construir uma nova fábrica naquela cidade. Gertrude Willheim (na documentação inglesa) era muito ativa e além dos negócios familiares, trabalhou em Londres, três meses como tradutora de inglês e alemão no *German Jewish Aid Committee* e depois na *Austrian Self-Aid*, entre abril e dezembro de 1938. Na Ajuda aos Austríacos a diretoria era de peso: O 97º Arcebispo de Canterbury (Barão Lang de Lambeth, 1864-1945), o Grão Rabino do Império Britânico (Dr. Joseph Herman Hertz, 1872-1946), a Duquesa de Atholl (1874-1960), a futura Baronesa Asquith de Yarnbury (1887-1969) e certo Prof. Sigmund Freud (1856-1939), dentre outros.

Os filhos do casal demoraram a vir, talvez fruto da insegurança econômica gerada pela profissão de fotógrafo. Só em 1944, nasceu o filho Thomas Roberto Scheier, e em 1945, nasceu a filha Irene Elizabeth (Bettina Lenci) Scheier, ambos fotógrafos, que o seguiram na profissão e trabalharam nas mais importantes publicações nacionais.



Peter Scheier viveu a experiência do Jó bíblico: tomaram-lhe a nacionalidade e o idioma, a profissão, foi separado da mulher e do filho, a família foi expatriada pelo mundo, a irmã querida morreu jovem. Ele superou tudo isto, reconstruiu a vida, com sucesso, mas, ficou como preço a pagar a melancolia e o desencanto.

Em 1975 ele fechou o estúdio e retornou para a Alemanha, porém a aposentadoria não durou muito.

*“(...) Centenas de noites interrompidas por anjos que velavam seu sono induzido. Entre tubos e picadas, na vigília do quarto ao lado, o câncer, dragão de asas e de língua de aço escancaradas, a comer avidamente a vida.*

*Os corredores verde-claros, a cor mais forte. O abre-e-fecha dos elevadores a dizer que o tempo tem cadência, como um dia após o outro. É pontual como o grande relógio de parede no fim do corredor. Cada um que ali passava, antevia a própria morte. A cada noite e novo dia, estranha presença ausente. Um alívio, a morte que se anuncia a cavalo no ouvido da gente.*

*No caixão, na madrugada, flores murchas, vermelhas as rosas. A moldura de madeira para vestimenta conhecida. Velas derretidas, oração e lágrimas e apenas uma pergunta: por dentro do corpo, a alma já encontrara passagem?(...)” (LENCI: 70).*

No dia oito de novembro de 1979 faleceu em Ainring e foi sepultado no Cemitério Israelita de Salzburgo.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **Fontes não-impresas**

- FERNANDES, Orlandino Seitas. *Carta a Peter Scheier*. Ouro Preto (21 de junho de 1961).
- MAUTNER, Ilka. *Unsere Familiengeschichte (Eine Fortsetzung der von unserem Grossonkel Rudolf Fuchs im Jahre 1906 verfassten Familiengeschichte)*, 1958, 45 páginas datilografadas.
- STRAKOSCH, Oskar. *Zeugnis – Hohenauer Zuckerfabrik der Brüder Strakosch*. Hohenau (30 de junho de 1937).

**Fontes impressas**

- ARNBOM, Marie-Theres. *Friedmann, Gutmann, Lieben, Mandl, Strakosch. Fünf Familienporträts aus Wien Von 1938*. Viena: Bohlau, 2003.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas – David Nasser e o Cruzeiro*. S. Paulo: SENAC, 2001.
- *Encyclopaedia Judaica*, volume 15. Jerusalém: Keter Publishing House Ltd.
- LENCI, Bettina. 45. S. Paulo: Editora da Cultura, 2006.
- MENK, Lars. *A Dictionary of German-Jewish Surnames*. NJ: Avotaynu, 2005.
- MILGRAM, Avraham. “O Itamaraty e os Judeus”. Em: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (organizadora). *O anti-semitismo nas Américas: memória e história*. S. Paulo: EDUSP/FAPESP, 2007.
- SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1988.

**Arquivos Consultados**

- Arquivo Histórico Judaico Brasileiro. *Caixa nº F357*. S. Paulo, Brasil.
- Leo Baeck Institute – Center Jewish History. *Schild-Scheier Family*, Leipzig Collection, AR 6263. Nova York, EUA.
- The Central Archives for the History of the Jewish People (CAHJP). *Private Collection Paul Diamant/Adel/Strakosch v. Feldringen*, P27/22, 16. Jerusalém, Israel.

